

Fotos: Arquivo pessoal



Na escola, com a amiga Valéria e a avó Carminha



Formatura no magistério, com a mãe e o pai



Com a primeira folha de ponto na secretaria

Primeiro concurso

Mary se formou no extinto curso de magistério — que preparava professores para dar aulas na alfabetização — na Escola Maria Auxiliadora. Aos 19 anos, foi aprovada no concurso de professor da rede pública e, em seguida, passou no primeiro vestibular, na Faculdade Dulcina, onde uniu as duas paixões e cursou artes plásticas. Ela guarda com zelo a foto segurando a primeira folha de ponto na Secretaria de Educação.

Em 2001, após apresentar o projeto Criando Artes, passou a integrar a equipe da educação especial da secretaria. No CEE 1 do Guará, atende a alunos com deficiências múltiplas, deficiência intelectual e com transtorno do espectro autista (TEA), de todas as idades.

Após o primeiro projeto especial, surgiram outros dois igualmente marcantes na carreira da professora. O Expoarte Especial reúne, no Dia da Luta da Pessoa com Deficiência, celebrado em 21 de setembro, as atividades artísticas de toda a escola, e conta com a participação da comunidade escolar. Mary também promove atividades na Semana da Consciência Negra Especial, com a participação de convidados, DJ, cabeleireiros, banda de pagode e capoeira. E as ações não acabam por aí: roda de samba e feijoada também tomam conta do espaço escolar quando o objetivo é trazer felicidade e contribuir para o desenvolvimento dos estudantes. “Nossos alunos precisam ser mais felizes”, atesta.

Reconhecimento

Em 2019, Mary recebeu Moção de Louvor na Câmara Legislativa do DF, por proposição do então



Com a equipe do Nafros hair e a amiga e professora Rita (D), na Semana da Consciência Negra Especial



Concorrendo a premiações, ao lado da amiga Geórgia



Ana Paula Karvat, ex-aluna de artes plásticas, fazendo pintura com molde dos ipês de Brasília



Com o marido, Bony da Maia, após receber Moção de Louvor na CLDF

deputado distrital Rodrigo Delmasso, em reconhecimento aos serviços prestados na área de educação no Guará e por transformar a vida de seus alunos. Ao lado do marido, Bony da Maia, que morreu há dois anos, subiu à tribuna para receber a honraria.

Para chegar a esse patamar, ela dedica boa parte do tempo a se

especializar cada vez mais. É pós-graduada em psicanálise em educação e especialista em arte terapia e em artes plásticas e cênicas. Um dos sonhos para completar a formação é chegar ao mestrado e ao doutorado.

Hoje, Mary observa com preocupação a falta de interesse pela carreira de professor, e credita esse movimento à falta de valorização.

“Os mais jovens não se interessam por ser professor. Parte escolhe a área de TI; outros, preferem se tornar empreendedores. Eu convivo com os filhos das minhas amigas e ninguém quer ser professor. Nós passamos por muitas situações de calúnia, somos retaliados diariamente, tanto na educação pública quanto na particular”, relata.

Foco no futuro

O que a mantém firme na sala de aula — e faz parte do conselho que ela deixa às novas gerações — é o impacto social. “Um professor que ama o que faz certamente terá grandes frutos”, garante Mary, que hoje é colega de trabalho de uma ex-aluna. “É muito bom você ver uma pessoa crescendo, saber que colocou uma sementinha e que ela aproveitou.”

“Na educação especial, eu tenho alunos que evoluem a cada dia, dependendo da modalidade. Há alguns que já são pais, mesmo deficientes”, conta a professora. “Faltam agora só quatro anos para me aposentar, e eu vou agradecendo diariamente a Deus por tudo isso que já vivi, mas compartilho também as dificuldades que passamos”, completa Mary. “Para mim, a educação trouxe uma transformação. É você reconhecer o ser como um ser completo, único.”

Ela lembra não apenas das lutas da categoria atualmente, por reajustes e melhores condições de trabalho, mas também do quanto as batalhas travadas por sua mãe e suas tias ajudaram no processo. As veteranas encararam jornadas duplas de trabalho e o extinto “turno da fome”, que recebia alunos próximo ao horário do almoço e oferecia uma refeição. Muitos iam para o colégio porque seria a única oportunidade de se alimentar no dia. “Minha mãe mesmo alfabetizou uma turma com comida”, relata Mary Matos, e reforça os avanços e as lutas atuais: “Hoje, eu gozo de uma jornada ampliada e, agora, luto para que os concursados sejam chamados”.